

**DENISE MARGARIDA ESMERALDO HENRIQUES**

**Esquemas Precoces Mal Adaptativos e Ajustamento  
Emocional à Prisão em Agressores Sexuais de Menores**

**Orientadora: Joana Patrícia Pereira Carvalho**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**Lisboa**

**2016**

**DENISE MARGARIDA ESMERALDO HENRIQUES**

**Esquemas Precoces Mal Adaptativos e Ajustamento  
Emocional à Prisão em Agressores Sexuais de Menores**

Dissertação de mestrado defendida em provas públicas para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e da Exclusão Social no curso de Psicologia Forense e da Exclusão Social conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 15 de Dezembro de 2016 perante o júri nomeado pelo Despacho Reitoral n.º 382/2016 com a seguinte composição:

Presidente: Professor Doutor Carlos Poiares

Arguente: Professor Doutor Pedro Pechorro

Orientadora: Professora Doutora Joana Carvalho

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**Lisboa**

**2016**

Aos meus pais e ao Fernando

### **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, aos meus pais que acreditaram, apoiaram e investiram em mim. Obrigada por nunca duvidarem das minhas capacidades e por acreditarem que eu era capaz. Sem eles e sem todo o sacrifício que fizeram por mim, nada disto seria possível.

Ao meu namorado, Fernando, que esteve sempre presente em cada conquista e frustração ao longo deste tempo. Nunca desistiu de mim, nem duvidou um segundo. Obrigada por caminhares sempre ao meu lado, estares presente em todos os momentos e por me ajudares a procurar a razão quando não a encontrava.

Um agradecimento especial à professora Joana Carvalho que tornou todo este trabalho possível de se realizar. Sem a sua orientação nada disto seria provável. Obrigada pela sua paciência, vontade de ajudar e vontade em partilhar tanto conhecimento connosco. Foi um privilégio ter trabalhado consigo e tê-la como orientadora.

Por fim, mas também importante, às colegas da orientação. Obrigada pelo bom grupo que fomos, pela cooperação e apoio ao longo deste percurso. Foi tudo muito mais enriquecedor graças a vocês. Em particular, um enorme obrigada à Jessica pela amizade e partilha em todos os momentos para chegarmos até aqui. A minha vida foi mais radiosa contigo.

Não cabe em palavras o sentimento. **Obrigada!!**

## Resumo

O abuso sexual de menores tem vindo a ser alvo de interesse científico nos últimos anos. Com o desenvolver literário tem havido uma extensão do estudo deste fenómeno para tratar o agressor, de forma a evitar recidivas. De diversas motivações que são apontadas como percussoras destes comportamentos sexuais disfuncionais, tem vindo a ser debatido o papel da influência dos esquemas precoces mal adaptativos (EPM's) para a consumação destes atos.

Durante o período de reclusão há uma terapêutica específica para estes indivíduos, no entanto é sabido que a adaptação emocional ao meio prisional tem tendência para influenciar a forma como estes indivíduos participam no tratamento. Posto isto, este trabalho teve como objetivo avaliar o impacto dos EPM's no ajustamento emocional à prisão numa amostra de abusadores sexuais de menores condenados (N=43) com idades compreendidas entre os 22 e os 58 anos.

Obteve-se como resultado uma identificação das estruturas esquemáticas associadas a esta adaptação emocional que pode oferecer uma base conceptual, auxiliando nas estratégias de gestão da saúde mental implementadas em contexto prisional, sendo maioritariamente associados os esquemas de Abandono e Desconfiança do domínio Distanciamento e Rejeição. Adicionalmente verificou-se que todos os domínios têm esquemas que se associam a esta gestão emocional.

**Palavras-chave:** Abuso sexual de menores, esquemas precoces mal adaptativos; terapia focada nos esquemas; meio prisional; gestão emocional

### **Abstract**

In recent years, child sexual abuse has become a subject of scientific interest. With the literary development, there has been an extension of the study of this phenomenon in order to treat the aggressor and avoid recurrence. Several motivations were identified as precursors of these dysfunctional sexual behaviors, including the influence of early maladaptive schemas (EMS's) as vulnerability factor for child sexual abuse.

During the confinement period, there's a specific therapy for these individuals, however it's known that the emotional adaptation to the prison environment tend to influence how these individuals participate in the treatment. For this reason, this study aimed to assess the impact of EMS's in the emotional adjustment to imprisonment in a sample of convicted child sex offenders (N = 43) aged between 22 and 58 years.

Findings showed that a set of EMS's were associated with this emotional adaptation, such schemas can provide a conceptual base aimed at assisting mental health management strategies implemented in imprisonment context. These schemas were largely associated with the Abandonment and Mistrust themes. Additionally, it was found that all schematic domains included schemas relating to the offender's emotional management.

**Keywords:** Child sexual abuse; early maladaptive schemas; focused therapy in schemas; prison environment; emotional management

## Índice Geral

|                                                                                          |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                                                          | 9  |
| Capítulo 1                                                                               |    |
| 1.1 Prisão e Ajustamento Emocional.....                                                  | 12 |
| 1.2 Esquemas Precoces Mal Adaptativos.....                                               | 15 |
| 1.3 Esquemas Precoces Mal Adaptativos em Contexto Forense.....                           | 17 |
| Capítulo 2                                                                               |    |
| 2.1 Metodologia.....                                                                     | 21 |
| 2.1.1 Participantes.....                                                                 | 21 |
| 2.2 Contexto penal.....                                                                  | 22 |
| 2.3 Procedimentos.....                                                                   | 22 |
| 2.4 Instrumentos.....                                                                    | 22 |
| 2.4.1 Questionário de Esquemas de Young.....                                             | 22 |
| 2.4.2 Breve Inventário de Sintomas.....                                                  | 23 |
| 2.5 Procedimentos Estatísticos.....                                                      | 23 |
| Capítulo 3                                                                               |    |
| 3.1 Resultados.....                                                                      | 26 |
| 3.1. Domínio Distanciamento e Rejeição e o Ajustamento Emocional à Prisão.....           | 26 |
| 3.2. Domínio Autonomia e Desempenho Deteriorados e o Ajustamento Emocional à Prisão..... | 26 |
| 3.3. Domínio Limites Deteriorados e o Ajustamento Emocional à Prisão.....                | 27 |
| 3.4. Domínio Influência dos Outros e o Ajustamento Emocional à Prisão.....               | 27 |

|                                                                                              |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.5. Domínio Sobrevigilância e Inibição e o Ajustamento Emocional à<br>Prisão.....           | 28  |
| Capítulo 4                                                                                   |     |
| 4. Discussão.....                                                                            | 31  |
| Considerações Finais.....                                                                    | 35  |
| Referências Bibliográficas.....                                                              | 37  |
| Anexos.....                                                                                  | ..I |
| Anexo A (Esquemas Precoces Mal Adaptativos).....                                             | II  |
| Anexo B (Descrição e exemplo de itens do Questionário de Esquemas de Young –<br>YSQ-S3)..... | IV  |
| Anexo C (Descrição e exemplo de itens do Breve Inventário de Sintomas –<br>BSI).....         | V   |

## **Introdução**

A temática do abuso sexual tem vindo a tomar grande importância e popularidade nos dias de hoje. De acordo com Rocha (2009) os crimes sexuais são definidos como uma coação sexual, ou seja, abusar sexualmente de uma pessoa que seja incapaz de oferecer resistência, de crianças, de menores, de dependentes e ou de pessoas que estejam internadas, todo o ato sexual com adolescentes, o lenocínio – incluindo o de menores –, o recurso à prostituição ou pornografia que tenha como intervenientes menores, a fraude sexual e/ou violação (cit in Laura Nunes, 2010). Neste caso, em particular, iremos focar-nos no abuso sexual de menores que tem vindo cada vez mais a ser um tema de preocupação. Vários autores defendem que o abuso sexual de menores é como roubar o direito à infância, à inocência e à liberdade e, igualmente, uma violação de todos os direitos dos menores (Félix, 2003 cit in Antunes, 2012).

Neste contexto, para além do interesse em estudar as vítimas, também os agressores sexuais têm vindo a ser alvo de interesse tanto popular como científico. Dentro de alguns estudos, tem-se compreendido que, os agressores sexuais têm como base motivações várias, dentro das quais motivações pessoais, que se traduzem na escolha do sexo da vítima, na sua idade ou até nos estímulos que desencadeiam o comportamento agressor (Carvalho, 2011). Geralmente este tipo de agressores sexuais não pontuam de forma elevada na escala da psicopatia (Quinsey et al. 1995, cit in Porter, Fairweather, Drugge, Hervé, Birt & Boer, 2000). Comparativamente com os restantes, os agressores sexuais de menores parecem estar principalmente motivados para os aspetos sexuais quando consomem o ato (Malcolm, Andrews & Quinsey, 1993 cit in Porter et al., 2000). Tendem ainda a ter maiores défices de interação social, comparativamente com os restantes agressores sexuais, que terão mais facilidade de enquadramento social (Hudson & Ward, 1997). Surge ainda, de acordo com alguns autores uma clara diversidade entre os indivíduos que compõem a classe dos agressores sexuais de menores. Entre estes, podemos distinguir indivíduos com ou sem parafilia sexual. Isto é, podem apenas cometer o crime por motivações não sexuais, ou sofrer de alguma parafilia, neste caso a pedofilia. Neste último, trata-se de um impulso sempre presente no sujeito e difícil de conter, embora tenha capacidades para o fazer (Nunes, 2010; O' Donohue, Regeve & Hagstrom, 2000).

No entanto, e apesar desta clara distinção, este estudo irá focar a classe de abusadores sexuais de menores enquanto entidade tipificada no código penal (i.e., crime de Abuso Sexual

de Menores), ou seja, não fazendo ênfase aos seus fatores motivacionais ou a qualquer patologia associada. Procura-se durante o tempo de reclusão, salientando-se aqui o interesse científico, explorar o ajustamento emocional à prisão, ressaltando que, no caso deste tipo de agressores sexuais, poderá estar presente alguma alteração na adaptação emocional à prisão que divirja dos restantes reclusos. Tendo em conta o descrito, poderá ser plausível, nestes indivíduos, uma influência de desordens emocionais que poderão influenciar esta adaptação. É neste sentido que a literatura poderá explicar a pertinência desta temática para o estudo realizado.

## **Capítulo 1**

### **1.1 Prisão e Ajustamento Emocional**

### **1.2 Esquemas Precoces Mal Adaptativos**

### **1.3 Esquemas Precoces Mal Adaptativos em Contexto Forense**

## 1.1 Prisão e ajustamento emocional

Os estabelecimentos prisionais são vistos como ambientes fechados e que impõem um estilo de vida rígido e com regras extremamente específicas. Para além de existir um estilo de vida totalizante, a entrada na prisão é vista como um processo socializador e ressocializador fazendo com que cada recluso tire o seu próprio conceito do sentimento de estar a cumprir a sua pena. O encarceramento implica que os reclusos tenham de modificar os seus comportamentos, bem como a sua forma de pensar, estão sujeitos a uma vigilância apertada e a normas e valores rígidos (Coleman, 2008, cit in Gonçalves, L. & Gonçalves, R., 2012). Há assim uma necessidade de readaptação a um novo ambiente e, consequentemente, um reajustamento da sua personalidade, dos seus padrões básicos de vida e de funcionamento diário (Cunha, 2008, cit in Afonso, 2012; Harding & Zimmerman, 1989 cit in Gonçalves, L. & Gonçalves, R., 2012). No entanto, é necessário ressaltar que cada ser humano é único e, como tal, embora existam fatores comuns, cada um sente de forma singular esta adaptação e consequentemente, o ajustamento ao estabelecimento prisional pode ser moroso e mais complexo para uns, do que para outros. Pressupõe-se assim que a adaptação é essencialmente um processo demorado e não um simples resultado adquirido. Assume-se que a adaptação e o ajustamento à prisão variam com o passar do tempo e com a manutenção de mecanismos de *coping* que podem facilitar o ajustamento (Picken, 2012, cit in Afonso, 2012).

São assim muitos os fatores que pautam a forma como os novos reclusos se irão adaptar ao meio prisional, dentro dos quais o *stress* sendo aquele que mais se destaca. Numa contextualização teórica o *stress* é o resultado de interações entre o indivíduo e o ambiente as quais causam reações que não são entendidas como agradáveis ao indivíduo (Lazarus & Folkman, 1984, cit in Afonso, 2012). Já ao nível prisional o *stress* é geralmente influenciado pelo tipo de pena e crime. Posto isto, o momento da entrada na prisão é sempre o maior pico de *stress* para o indivíduo e as primeiras quarenta e oito horas tornam-se as mais angustiantes de viver, uma vez que provoca um misto de emoções como solidão, medo, ansiedade, raiva e impotência, o que leva a um estado de alerta máximo e impulsivo (Moreira, 2009, cit in Afonso, 2012). Vários estudos, de acordo com Gonçalves (2008) têm retratado estas situações de *stress* e conseguem identificar pontos comuns que fazem uma manutenção deste estado, sendo eles o isolamento, agressões recebidas por outros reclusos e a falta de suporte social intra e extra sistema prisional (cit in Afonso, 2012).

Outro fator que se salienta nesta adaptação é o suporte social. Este apresenta-se como um dos fatores mais importantes neste ambiente, já que permite a manutenção de um contato com o exterior, proporcionando igualmente uma fonte de suporte emocional já que, de acordo com Moreira (1998), o apoio social pode ser visto como uma estratégia de *coping* em que o indivíduo pode exprimir os seus sentimentos e ser compreendido por quem lhe é emocionalmente próximo. A ausência deste suporte emocional é uma das principais causas para as tentativas de suicídio nas prisões (cit in Afonso, 2012; Comfort, 2007, cit in Novais, Ferreira & Santos, 2010).

A juntar a estes fatores encontramos igualmente as condições de monotonia que elevam os sentimentos de desânimo e emoções que acabam por despoletar uma série de comportamentos disfuncionais e até possíveis problemas psíquicos. São frequentemente também registados fatores como a falta de oportunidades para ocupação, o isolamento, as dificuldades em receber apoio médico, os roubos e as agressões entre reclusos que contribuem para uma manutenção do *stress* e de comportamentos disruptivos. É igualmente alarmante a sobrelotação prisional, onde muitas vezes em celas de seis reclusos se encontram oito. Este tipo de condições de vida acaba por exacerbar uma sintomatologia de ansiedade considerável e uma impulsividade alarmante (Gonçalves, 2000).

Seguindo esta ideia, de acordo com Gonçalves (2000), o autor acredita que os fatores referidos combinados entre si acabam por trazer como consequências uma deterioração psicológica e uma patologia geral bastante comum na população reclusa, já que o *stress* acarreta um desgaste psíquico e físico, sendo isto resultante de uma não adaptação normativa ao sistema prisional. Como resultado deste impacto psicológico negativo há uma sintomatologia emergente que acaba por culminar em evitamento emocional, depressão, ideação suicida, possíveis comportamentos agressivos e hostis, despersonalização, mau autoconceito e perturbações sexuais. Explica-se assim que boa parte da patologia surja dentro do estabelecimento prisional graças a estas junções de fatores (Gonçalves, 2000). Este *stress* constante, segundo Moreira (2009), pode ser igualmente responsável por emoções e pensamentos negativos acerca do *self*, bem como expectativas negativas para o tempo de reclusão e pós-reclusão, podendo potenciar o surgimento de sintomatologia patológica. Ainda de acordo com o mesmo autor os comportamentos agressivos e hostis, incluindo a sintomatologia negativa, tendem a influenciar um maior nível de *stress* que pode ativar comportamentos ansiosos e depressivos (cit in Afonso, 2012). Apesar de estar associado a

sintomatologia negativa, os autores Ireland, Brown e Ballarini (2006) defendem que o comportamento agressivo pode ser igualmente encarado como estratégia de adaptação ao ambiente prisional, dado ao nível de *stress* sempre em alta e a limitação de escolhas adaptativas (cit in Gonçalves, L. & Gonçalves, R., 2012).

Apesar destas dificuldades adaptativas, o autor Moreira (2009) acredita que com o passar do tempo, começa a surgir uma adaptação ao meio prisional e toda esta sintomatologia e reações emocionais efusivas tendem a diminuir, uma vez que o sujeito parece enquadrar-se no ambiente e criar novas rotinas (cit in Afonso, 2012). Outros autores chegaram às mesmas conclusões, por exemplo, Zamble e Porporino (1998) num estudo longitudinal denotaram uma melhoria nos índices gerais de ansiedade, depressão e autoestima, o que poderá comprovar que houve uma adaptação gradual ao meio ambiente, dos 113 reclusos por eles estudados. Já Goffman (1961) denotou que os problemas de despersonalização dos reclusos também tinham uma tendência gradual para diminuírem com o passar do tempo, acabando eventualmente por se dissiparem (cit in Novais et al., 2010).

No caso dos agressores sexuais de menores, foco deste estudo, e de acordo com o autor Baron-Laforêt (2010), acredita-se que são tratados de forma díspar pelos restantes reclusos. Como tal, existe o cuidado por parte da organização das prisões em separar estes reclusos dos restantes, na medida em que serão efetivamente alvo de extorsão, violência física e psicológica e agressão sexual, com o objetivo de os colocar no lugar das suas vítimas. Assim, estes reclusos poderão estar sujeitos a elevado *stress*, comparativamente com outros, uma vez que poderão temer pela sua segurança. Com isto, poderão surgir sentimentos de humilhação, isolamento e até alguma redução da socialização com outros reclusos por medo do que poderão sofrer. Nalguns casos, pode chegar ao ponto de existir patologia, dando origem a descompensações psicóticas e até perdas de noção da realidade, entendidas como possíveis estratégias de *coping* disfuncional (cit in Antunes, 2012).

Assim surge a questão de como se distingue um recluso que se encontre bem ou mal-adaptado. De acordo com Gonçalves (2000) um recluso quando se adapta à prisão tem de conciliar a sua personalidade com o fato de se encontrar fechado, havendo assim um equilíbrio. Para poder ser mais explícito, o autor define reclusos bem-adaptados, mal-adaptados, sobre adaptados e inadaptados. Assim, um recluso bem-adaptado em geral cumpre penas por crimes de homicídio ou violação e geralmente, prefere atuar sozinho nos crimes que comete. Demonstra um bom comportamento que é explicado pela ausência de punições

disciplinares e por norma, é primário. Para além do referido tem uma idade acima dos 30 anos, o que demonstra uma maturidade e experiência já superior. Neste tipo de reclusos é comum encontrar-se problemas como despersonalização, oposição ativa ou passiva, tentativas de retirar partido de diversas situações e interpretação de um papel obediente e colaborante (Gonçalves, 2000).

Um recluso mal-adaptado tem um comportamento oposto, com várias punições disciplinares e procura sempre contornar as regras do sistema prisional, procurando ganhar posição sólida entre os outros reclusos (Gonçalves, 2000).

Já um recluso sobre adaptado tende a não representar um risco elevado para a sociedade, isto é, não tendem a ser perigosos. Demonstra dificuldade em adaptar-se à vida fora da prisão, pelo que tende a reincidir para conseguir voltar para a vida intramuros. Possui um cadastro bastante amplo, mas sempre considerado “leve”. É como se não se conseguisse adaptar à vida “livre” e encontrasse na prisão o seu bem-estar. No geral são bons reclusos, sem punições disciplinares e têm uma idade mais elevada que os anteriores (Gonçalves, 2000).

Por fim, os inadaptados que tendencialmente são mais novos, possuindo um registo criminal vasto. Estão geralmente ligados a consumos de droga, durante o tempo de reclusão. Sofrem de uma incapacidade de se adaptarem às normas prisionais e, como consequente, têm uma vasta lista de punições disciplinares. São reclusos com patologias geradas no meio prisional e estão sempre com problemas e queixas tanto de saúde, como psicológicas e físicas. São geralmente sensíveis ao ambiente prisional (Gonçalves, 2000).

## **1.2 Esquemas Precoces Mal Adaptativos**

A terapia focada nos esquemas precoces mal adaptativos (TFE; Schema Focused Therapy; Young 1990, 1999) surge como alternativa para uma tentativa de compreensão de disfunções de longa duração, como as perturbações de personalidade, as quais a terapia cognitiva-comportamental não consegue explicar, uma vez que é breve e não tão adaptada às especificidades destes casos concretos (Rijo, 2009).

Perante esta lacuna, Young (1990) procurou enquadrar a sua terapia como complementar e alternativa a casos que não conseguiam contemplar os pressupostos necessários na terapia cognitiva-comportamental e que, por consequente, comprometiam toda uma tentativa de processo de mudança. Neste contexto, o autor criou o conceito de esquema

precoce mal adaptativo (EPM) que se baseia em “(...) temas extremamente estáveis e duradouros que se desenvolvem durante a infância e são elaborados através da vida do indivíduo” (Young, 1990, cit in Rijo, 2009). São designados como padrões para o processamento de experiências que surjam de futuro e que se originam na infância, permanecendo para toda a vida, a menos que haja alguma intervenção terapêutica especializada. São ainda estruturas que conseguem gerar níveis elevados de afetos e comportamentos disruptivos, consequências para o próprio e/ou a terceiros. Interferem de forma constante durante a interação social do indivíduo. Assim, tornam-se padrões profundamente confusos e muito centrados no próprio *self* (Young, Klosko & Weishaar, 2003).

De acordo Young foram definidos 18 EPM's (anexo A) que visam compreender as características dos sujeitos de forma mais específica e correta. Esses esquemas encontram-se assim divididos em cinco domínios sendo eles: 1) Distanciamento e Rejeição; 2) Autonomia e Desempenho Deteriorados; 3) Limites Deteriorados; 4) Influência dos Outros; 5) Sobrevigilância e Inibição (Young et al., 2003).

Os esquemas têm igualmente uma maior probabilidade de ser desenvolvidos em sujeitos cujas vivências sejam feitas em famílias onde esteve presente o abuso – físico ou psicológico -, a falta de vinculação e o isolamento social (Young, 1990, cit in Carvalho, 2011). Poderão ainda ser entendidos como comportamentos não adaptáveis e desadequados que durante a sua aprendizagem ficam associados a uma experiência, mas sem nunca terem um estímulo certo para se acionarem, uma vez que foram apreendidos de forma errónea. Este desajustamento por si só representa uma situação complexa para o sujeito, isto porque, tendo estes esquemas sido mal apreendidos de início, poderão ser despoletados em situações de eventual confronto ou perigo percebido pelo indivíduo, sendo utilizados como uma reação de *coping*, neste caso mostrando-se disfuncional. Isto poderá desencadear uma série de comportamentos desadequados e até de cariz criminoso, como a possibilidade de cometer um crime sexual (Carvalho, 2011). É neste contexto que existem autores que defendem que diferentes tipos de abuso podem propiciar diferentes tipos de distorções ou desordens. Isto é, quando há abuso em criança há a possibilidade de serem desenvolvidos comportamentos agressivos e violentos durante a idade adulta, dentro dos quais poderá incluir o abuso sexual. Encontra-se assim alguma relação entre os esquemas e os comportamentos sexuais mal adaptativos na idade adulta (Simons, Wurtele & Heil, 2002).

Uma vez que se sabe que o abuso sexual ocorre como consequência da interação de fatores distais - vulnerabilidades psicológicas - e proximais - relacionado com o ambiente físico imediato – (Marshall & Barbaree, 1990), os autores Marshall e Marshall (2000) concluíram que estes comportamentos, em casos específicos, podem ocorrer como consequência da ativação de determinados esquemas, isto é, seria desencadeada uma reação de *coping*, com o objetivo de reduzir estados emocionais negativos, concretizando-se assim o abuso sexual. Assim, o crime sexual poderá surgir de uma gestão emocional disfuncional (Marshall & Marshall, 2000).

Pegando na mesma premissa Stirpe e Stermac, defendem que as experiências na infância têm vindo a demonstrar o seu impacto na explicação para as causas de comportamentos de abuso sexual ou agressão sexual. Tem vindo, inclusivamente, a confirmar-se uma relação direta com a perpetuação de crimes no futuro. Posto isto, a exposição ao abuso sexual, desde cedo, um passado familiar complexo e misturando fatores externos, poderá despoletar este comportamento de abuso sexual no futuro por parte destes indivíduos (Stirpe & Stermac, 2003).

O potencial da TFE é então visto como positivo e promissor em âmbito forense, uma vez que tenta corrigir os EPM's apreendidos de forma distorcida e visa reestruturar essa aprendizagem de forma mais sólida através de uma exposição do problema, de uma aceitação, consciencialização de que há necessidade de mudar e permite ainda uma compreensão da distorção muitas vezes feita pelos EPM's com a realidade. A terapia foca-se assim, numa reabilitação das bases comportamentais onde, em conjunto com a terapia cognitiva-comportamental, há uma preocupação com o espaço para experiências afetivas, que podem influenciar todo um potencial de surgimento de EPM's e uma retrospectiva das experiências precoces do indivíduo, isto é, encontrar um possível evento que tenha levado a esta cognição distorcida (Rijo, 2009).

### **1.3 Esquemas Precoces Mal Adaptativos em Contexto Forense**

É notório que, de acordo com a literatura, podemos encontrar um corpo teórico que mostra a relevância dos EPM's na caracterização de agressores sexuais de menores e a sua implicação na vulnerabilidade para o crime sexual. Mais especificamente, estudos recentes mostraram que esquemas do domínio Distanciamento e Rejeição, Autonomia e Desempenho Deteriorados, Influência dos Outros e Sobrevigilância e Inibição caracterizavam os abusadores sexuais de menores relativamente a violares e a homens da comunidade (não

agressores), (Carvalho & Nobre, 2014). De forma mais singular, verificou-se ainda que indivíduos condenados por abuso sexual de menores e simultaneamente pedófilos apresentam mais esquemas de Defeito e Subjugação relativamente a outras classes de agressores (Leirós, Carvalho & Nobre, *in press*).

Apesar de a literatura ser bastante específica na relação dos EPM's e do comportamento de abuso sexual, podemos concluir que é ainda pouco vasta em estudos realizados em indivíduos com moldura penal relacionada com este crime. No entanto, não são de menosprezar os estudos no âmbito forense que têm vindo a ser desenvolvidos com outro tipo de indivíduos e com outros crimes, os quais têm vindo a corroborar a importância dos EPM's em diferentes formas de violência.

Assim sendo, já de forma mais generalizada em contexto forense, num estudo realizado por Loper (2003), verificou-se uma relação entre os EPM's, a personalidade e o meio prisional, em 116 reclusas. Mais concretamente, verificou-se uma associação entre o domínio Limites Deteriorados com sintomatologia de hostilidade e o domínio Distanciamento e Rejeição fortemente relacionado com sintomatologia patológica de ansiedade, depressão e somatização. Já Petrocelli, Glaser, Calhoun e Campbell (2001) num estudo realizado numa amostra clínica, concluíram que há associação entre esquemas de Abandono, Privação Emocional, Isolamento Social e Padrões Excessivos com perturbações de personalidade evitante, anti-social e borderline. Evidenciando-se o potencial dos EPM's nas estratégias de prevenção e intervenção na sintomatologia psicopatológica evidenciada em contexto forense. (cit in Carvalho, 2012).

Por sua vez Ball e Cecero (2001) encontraram uma associação entre esquemas e comportamento anti-social. Realizado numa amostra de 41 doentes com perturbações de Personalidade e dependência de substâncias, conseguiram resultados que demonstram uma associação entre Perturbação Anti-Social de Personalidade e esquemas de Desconfiança, de Vulnerabilidade e Inibição Emocional. Já Bernstein (2008) num hospital psiquiátrico prisional constatou que os esquemas de Abandono, Desconfiança, Privação Emocional, Defeito, Isolamento Social (Domínio Distanciamento e Rejeição), Indesejabilidade Social (Domínio Autonomia e Desempenho Deteriorados), Grandiosidade e Auto-Controlo (Domínio Limites Deteriorados) eram mais prevalentes em sujeitos com comportamento anti-social (cit in Carvalho, 2012).

Posto isto, e atendendo ao potencial da TFE na resolução de problemas emocionais e comportamentais de longa duração, bem como ao facto de os agressores sexuais apresentarem uma estrutura esquemática disfuncional, o objetivo deste trabalho foi avaliar o impacto dos EPM's no ajustamento emocional à prisão numa amostra de abusadores sexuais de menores condenados. Mais especificamente, e a título exploratório, procurou-se avaliar o poder preditivo dos EPM's (de acordo com cada um dos cinco domínios) na psicopatologia associada ao período de reclusão dos indivíduos. Espera-se que a identificação das estruturas esquemáticas associadas a esta sintomatologia possa oferecer uma base conceptual que auxilie nas estratégias de gestão da saúde mental implementadas em contexto prisional.

## **Capítulo 2**

### **2.1 Metodologia**

#### **2.1.1 Participantes**

### **2.2 Contexto Penal**

### **2.3 Procedimentos**

### **2.4 Instrumentos**

#### **2.4.1 Questionário de Esquemas de Young (YSQ-S3)**

#### **2.4.2. Breve Inventário de Sintomas (BSI)**

### **2.5 Procedimentos Estatísticos**

## 2.1 Metodologia

Para a realização deste trabalho foi utilizada uma base de dados existente de um estudo anterior da Professora Doutora Joana Carvalho, docente da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, sendo apenas selecionados os indivíduos que foram condenados por abuso sexual de menores, aqueles que se enquadram nesta temática investigada, para tal não foram considerados indivíduos com historial de psicopatologia severa dada a sua forte dificuldade em compreender o estudo, dar consentimento informado, ou permanecer ao longo da avaliação.

Os parágrafos seguintes dizem respeito à caracterização sócio-demográfica dos respetivos indivíduos, os procedimentos efetuados para a recolha dos dados, a descrição dos instrumentos utilizados para a avaliação e a descrição dos procedimentos estatísticos.

### 2.1.1 Participantes

Este estudo contou com a participação de 43 homens condenados por abuso sexual de menores, sendo que o valor médio da idade é de 37 anos (DP = 9.65; Amplitude = 22-58). Já relativamente ao estado civil 17 participantes eram casados (41.5%) e no que respeita às habilitações literárias 37.2% tem o 1º ciclo (tabela 1).

**Tabela 1. Características sócio-demográficas**

| Idade                   | N = 43 | Range = 22 - 58 | M = 37,79 | DP = 9,65 |
|-------------------------|--------|-----------------|-----------|-----------|
| Estado Civil            |        |                 |           |           |
| Casado                  |        | 17 (41,5%)      |           |           |
| Solteiro                |        | 13 (31,7%)      |           |           |
| União Facto             |        | 2 (4,9%)        |           |           |
| Divorciado              |        | 8 (19,5%)       |           |           |
| Viúvo                   |        | 1 (2,4%)        |           |           |
| Habilitações Literárias |        |                 |           |           |
| 1º ciclo                |        | 16 (37,2%)      |           |           |
| 2º ciclo                |        | 15 (34,9%)      |           |           |
| 3º ciclo                |        | 10 (23,3%)      |           |           |
| Ensino Secundário       |        | 2 (4,7%)        |           |           |

## 2.2 Contexto Penal

Para um melhor conhecimento dos indivíduos estudados, através da observação dos seus ficheiros judiciais e das informações recolhidas, foi possível saber se o seu historial de crimes envolvia crimes sexuais ou não. Salienta-se assim que 33 dos indivíduos (80.5%) tinham sido anteriormente condenados por crimes sexuais (tabela 2).

**Tabela 2. Condenação prévia por crimes não sexuais**

| Crimes Não Sexuais |            |
|--------------------|------------|
| Sim                | 8 (19,5%)  |
| Não                | 33 (80,5%) |

## 2.3 Procedimentos

Estes dados foram recolhidos em sete estabelecimentos prisionais devidamente autorizados pela Direção Geral dos Serviços Prisionais (Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo, Estabelecimento Prisional de Aveiro, Estabelecimento Prisional de Coimbra, Estabelecimento Prisional de Custóias, Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira, Estabelecimento Prisional Vale do Sousa e Estabelecimento Prisional da Guarda). A participação dos indivíduos foi voluntária, realizando-se através do preenchimento de um questionário de forma privada, com supervisão da investigadora. Os ficheiros judiciais foram igualmente acedidos para respetiva averiguação de crime. Os questionários foram devolvidos em envelope selado, para garantir a segurança dos dados fornecidos e não receberam nenhuma gratificação pela sua participação.

## 2.4 Instrumentos<sup>1</sup>

### 2.4.1 Questionário de Esquemas de Young (YSQ-S3)

O questionário de esquemas de Young (YSQ-S3) é composto por 90 itens focalizados no auto-relato e avaliam a presença de 18 EPM's. Assim, os 18 esquemas agrupam-se em cinco domínios mais globais: 1) Distanciamento e Rejeição (contem os esquemas de Abandono, Desconfiança, Privação Emocional, Defeito e Isolamento Social); 2) Autonomia e Desempenho Deteriorados (contem os esquemas de Incompetência, Vulnerabilidade,

<sup>1</sup> A reprodução dos instrumentos não está autorizada pelo que nos anexos B e C é disponibilizada uma descrição sumária de alguns itens.

Emaranhamento e Indesejabilidade Social); 3) Limites Deteriorados (engloba os esquemas de Grandiosidade e Auto-controlo); 4) Influência dos Outros (engloba os esquemas de Subjugação, Auto-sacrifício e Admiração); 5) Sobrevigilância e Inibição (constituído pelos esquemas de Pessimismo, Inibição Emocional, Padrões Excessivos e Auto-punição). Relativamente à estrutura fatorial, a versão Portuguesa apresenta uma estrutura compatível com a original, evidenciando boas características psicométricas. O *alpha* de Cronbach para a totalidade dos itens é de .97 e a fidelidade de teste-reteste de .86, apresentando forte associação com outras medidas de psicopatologia geral (Rijo, 2009).

#### **2.4.2. Breve Inventário de Sintomas (BSI)**

O breve inventário de sintomas (BSI) é um instrumento baseado igualmente no auto-relato, sendo constituído por 53 itens que procuram avaliar a presença de sintomatologia psicopatológica e ajustamento emocional. Para tal, são utilizadas nove dimensões: Somatização, depressão, hostilidade, ansiedade, ansiedade fóbica, psicoticismo, obsessivo-compulsivo, ideação paranoide e sensibilidade interpessoal.

A versão original apresenta boas características psicométricas com *alpha* de Cronbach a variar entre .71 (psicoticismo) e .85 (depressão) (Derogatis & Spencer, 1982, cit in Carvalho, J., 2011). Os estudos psicométricos efetuados com uma amostra portuguesa indicam que este instrumento apresenta níveis de consistência interna entre os .62 (psicoticismo) e .80 (somatização); relativamente aos coeficientes de teste-reteste apresenta níveis entre os .63 (ideação paranoide) e .81 (depressão), mostrando-se assim eficaz para discriminar sujeitos emocionalmente instáveis (Canavarro, 1999, cit in Carvalho, 2011).

### **2.5 Procedimentos Estatísticos**

No que concerne os procedimentos estatísticos, foram realizadas regressões múltiplas (método *Enter*) a fim de avaliar o efeito preditor de cada um dos esquemas dos cinco domínios na adaptação emocional à prisão, medido através do BSI. Com o objetivo de se obterem dados estatisticamente significativos, dado ao número de variáveis preditoras por cada domínio, a correção de *Bonferroni* foi utilizada em quatro dos cinco domínios.

Assim para o domínio Distanciamento e Rejeição, os valores iguais ou inferiores a .01 ( $p \leq 0.01$ ) foram considerados estatisticamente significativos; no domínio Autonomia e Desempenho Deteriorados, os valores considerados estatisticamente significativos foram iguais ou inferiores a .01 ( $p \leq 0.01$ ); no domínio Influência dos Outros, os valores

considerados estatisticamente significativos foram iguais ou inferiores a .01 ( $p \leq 0.01$ ); por último para o domínio Sobrevigilância e Inibição, os valores considerados estatisticamente significativos foram iguais ou inferiores a .01 ( $p \leq 0.01$ ).

## **Capítulo 3**

### **3. Resultados**

#### **3.1. Domínio Distanciamento e Rejeição e o Ajustamento Emocional à Prisão**

#### **3.2. Domínio Autonomia e Desempenho Deteriorados e o Ajustamento Emocional à Prisão**

#### **3.3. Domínio Limites Deteriorados e o Ajustamento Emocional à Prisão**

#### **3.4. Domínio Influência dos Outros e o Ajustamento Emocional à Prisão**

#### **3.5. Domínio Sobrevigilância e Inibição e o Ajustamento Emocional à Prisão**

### 3. Resultados

#### 3.1. Domínio Distanciamento e Rejeição e o Ajustamento Emocional à Prisão

Para avaliar o impacto do domínio Distanciamento e Rejeição e de cada um dos seus esquemas no Ajustamento Emocional à Prisão, foi efetuada uma análise de regressão múltipla (método *Enter*). As variáveis preditoras incluídas foram os esquemas do referido domínio, sendo as mesmas: Abandono; Desconfiança; Privação Emocional; Defeito; Isolamento Social. Já a variável critério foi a Adaptação Emocional à Prisão, sendo esta medida pelo BSI. Os resultados revelaram um modelo significativo [ $F(5,37) = 12.40, p < .05$ ] explicando respetivamente 63% da variância ( $R^2 = .626$ ). Após a correção de *Bonferroni* ( $p \leq .01$ ), a análise dos coeficientes de regressão estandardizados demonstrou que esquemas de Abandono ( $\beta = .32, p = .01$ ) e Desconfiança ( $\beta = .47, p < .01$ ) são os melhores preditores da adaptação emocional à prisão (tabela 3).

**Tabela 3. Esquemas do Domínio Distanciamento e Rejeição como preditores do Ajustamento Emocional à Prisão**

| Esquemas           | B    | EP   | $\beta$ | $t$  | $\rho$ |
|--------------------|------|------|---------|------|--------|
| Abandono           | 2.09 | .79  | .32     | 2.62 | .01*   |
| Desconfiança       | 3.32 | .96  | .47     | 3.46 | .00*   |
| Privação Emocional | 1.49 | .70  | .26     | 2.11 | .04    |
| Defeito            | -.66 | 1.02 | -.11    | -.64 | .52    |
| Isolamento Social  | .39  | 1.14 | .06     | .33  | .73    |

\*  $p < .01$  Nível de significância após correção de *Bonferroni*

#### 3.2. Domínio Autonomia e Desempenho Deteriorados e o Ajustamento Emocional à Prisão

Relativamente ao domínio Autonomia e Desempenho Deteriorados e de cada um dos seus esquemas, para avaliar o seu impacto no Ajustamento Emocional à Prisão, foi efetuada uma análise de regressão múltipla (método *Enter*). As variáveis preditoras incluídas foram os esquemas do referido domínio, sendo as mesmas: Incompetência; Vulnerabilidade; Emaranhamento; Indesejabilidade Social. Já a variável critério foi a Adaptação Emocional à Prisão, sendo esta medida pelo BSI. Os resultados revelaram um modelo significativo [ $F(4,38) = 9.33, p < .05$ ] explicando respetivamente 50% da variância ( $R^2 = .496$ ). Após a correção de *Bonferroni* ( $p \leq .01$ ), a análise dos coeficientes de regressão estandardizados

demonstrou que esquemas de Indesejabilidade Social ( $\beta = .52$ ,  $\rho < .01$ ) são os melhores preditores da adaptação emocional à prisão (tabela 4).

**Tabela 4. Esquemas do Domínio Autonomia e Desempenho Deteriorados como preditores do Ajustamento Emocional à Prisão**

| Esquemas                | B     | EP   | $\beta$ | <i>t</i> | $\rho$ |
|-------------------------|-------|------|---------|----------|--------|
| Incompetência           | -2.74 | 1.10 | -.43    | -2.49    | .01    |
| Vulnerabilidade         | .93   | 1.02 | .14     | .92      | .36    |
| Emaranhamento           | 2.78  | 1.10 | .46     | 2.52     | .01    |
| Indesejabilidade Social | 3.05  | .84  | .52     | 3.63     | .00*   |

\*  $p < .01$  Nível de significância após correção de *Bonferroni*

### 3.3. Domínio Limites Deteriorados e o Ajustamento Emocional à Prisão

Para avaliar o impacto do domínio Limites Deteriorados e de cada um dos seus esquemas no Ajustamento Emocional à Prisão foi efetuada uma análise de regressão múltipla (método *Enter*). As variáveis preditoras incluídas foram os esquemas do referido domínio, sendo as mesmas: Grandiosidade; Auto-controlo. Já a variável critério foi a Adaptação Emocional à Prisão, sendo esta medida pelo BSI. Os resultados revelaram, igualmente, um modelo significativo [ $F(2,40) = 4.73$ ,  $\rho < .05$ ] explicando respetivamente 19% da variância ( $R^2 = .191$ ). A análise dos coeficientes de regressão estandardizados demonstrou que ambos os esquemas de Grandiosidade ( $\beta = -.37$ ,  $\rho < .05$ ) e de Auto-controlo ( $\beta = .53$ ,  $\rho < .05$ ) são preditores da adaptação emocional à prisão, apesar do resultado pouco elevado da variância explicada pelo modelo (tabela 5).

**Tabela 5. Esquemas do Domínio Limites Deteriorados como preditores do Ajustamento Emocional à Prisão**

| Esquemas      | B     | EP   | $\beta$ | <i>t</i> | $\rho$ |
|---------------|-------|------|---------|----------|--------|
| Grandiosidade | -2.94 | 1.39 | -.37    | -2.10    | .041   |
| Auto-controlo | 3.31  | 1.08 | .53     | 3.05     | .00    |

### 3.4. Domínio Influência dos Outros e o Ajustamento Emocional à Prisão

Na avaliação do impacto do domínio Influência dos Outros e de cada um dos seus esquemas no Ajustamento Emocional à Prisão foi efetuada uma análise de regressão múltipla

(método **Enter**). As variáveis preditoras incluídas foram os esquemas do referido domínio, sendo as mesmas: Subjugação; Auto-sacrifício; Admiração. Já a variável critério foi a Adaptação Emocional à Prisão, sendo esta medida pelo BSI. Os resultados revelaram um modelo significativo [ $F(3,39) = 5.70, p < .05$ ] explicando respetivamente 30% da variância ( $R^2 = .305$ ). Após a correção de *Bonferroni* ( $p \leq .01$ ), a análise dos coeficientes de regressão estandardizados demonstrou que esquemas de Auto-sacrifício ( $\beta = .39, p < .01$ ) são os melhores preditores da adaptação emocional à prisão (tabela 6).

**Tabela 6. Esquemas do Domínio Influência dos Outros como preditores do Ajustamento Emocional à Prisão**

| Esquemas        | B    | EP   | $\beta$ | t    | $\rho$ |
|-----------------|------|------|---------|------|--------|
| Subjugação      | 1.64 | 1.31 | .24     | 1.25 | .218   |
| Auto-sacrifício | 2.84 | 1.03 | .39     | 2.74 | .00*   |
| Admiração       | .12  | 1.18 | .01     | .10  | .92    |

\*  $p < .01$  Nível de significância após correção de *Bonferroni*

### 3.5. Domínio Sobrevigilância e Inibição e o Ajustamento Emocional à Prisão

Por último, para avaliar o impacto do domínio Sobrevigilância e Inibição e de cada um dos seus esquemas no Ajustamento Emocional à Prisão foi efetuada uma análise de regressão múltipla (método *Enter*). As variáveis preditoras incluídas foram os esquemas do referido domínio, sendo as mesmas: Pessimismo; Inibição Emocional; Padrões Excessivos; Auto-punição. Já a variável critério foi a Adaptação Emocional à Prisão, sendo esta medida pelo BSI. Os resultados revelaram um modelo significativo [ $F(4,38) = 5.84, p < .05$ ] explicando respetivamente 38% da variância ( $R^2 = .381$ ). Após a correção de *Bonferroni* ( $p \leq .01$ ), a análise dos coeficientes de regressão estandardizados demonstrou que esquemas de Auto-punição ( $\beta = .40, p > .01$ ) apesar de se encontrarem no limiar de significância, são um preditor significativo da adaptação emocional à prisão (tabela 7).

**Tabela 7. Esquemas do Domínio Sobrevigilância e Inibição como preditores do Ajustamento Emocional à Prisão**

| Esquemas        | B    | EP   | $\beta$ | t    | $\rho$ |
|-----------------|------|------|---------|------|--------|
| Pessimismo      | 1.77 | 1.11 | .27     | 1.58 | .12    |
| Inibição Social | 2.05 | 1.09 | .31     | 1.87 | .06    |

|                    |       |      |      |       |      |
|--------------------|-------|------|------|-------|------|
| Padrões Excessivos | -3.01 | 1.47 | -.34 | -2.04 | .04  |
| Auto-punição       | 4.26  | 1.59 | .40  | 2.67  | .01* |

---

\*  $p < .01$  Nível de significância após correção de *Bonferroni*

## **Capítulo 4**

### **4. Discussão**

#### 4. Discussão

Esta dissertação teve como objetivo de estudo avaliar o poder preditivo dos EPM's, dentro de cada um dos cinco domínios, na psicopatologia associada ao período de reclusão dos indivíduos. Procurou-se identificar das estruturas esquemáticas quais seriam as melhores preditoras no ajustamento emocional à prisão, podendo assim oferecer uma base conceptual que auxilie nas estratégias de gestão da saúde mental implementadas em contexto prisional, melhorando a adaptação ao mesmo e procurando uma forma alternativa de tratamento da problemática que os levou ao meio prisional, através da TFE.

No que concerne aos resultados obtidos destaca-se o papel dos EPM's, que é evidente em todos os cinco domínios analisados. No domínio Distanciamento e Rejeição, encontrou-se um modelo significativo com os esquemas de Abandono e de Desconfiança a predizerem de forma significativa o ajustamento emocional à prisão. Neste domínio de uma forma geral, as expectativas de que as necessidades do indivíduo serão preenchidas e asseguradas quando necessário – i.e., segurança, apoio, vinculação, intimidade, aceitação, respeito, etc. – não estão presentes; - há a crença de que nunca serão preenchidas da forma mais desejada. Indivíduos com esta estrutura esquemática apresentam, geralmente, famílias emocionalmente distantes. A vinculação nestes casos é diminuta, são consideradas famílias abusadoras e sem expressividade emocional (Rijo, 2009). De todos os domínios esquemáticos, este foi aquele que explicou maior percentagem de variância (63%), destacando-se assim, como um importante domínio da compreensão do ajustamento emocional de abusadores sexuais de menores. Posto isto, estes resultados vão ao encontro do que foi referido anteriormente sobre as experiências vinculativas e de situações de abuso por parte da família, que poderiam despoletar no futuro, enquanto adulto, comportamentos disruptivos, nomeadamente o abuso sexual (Marshall & Marshall, 2000; Simons et al., 2002; Stirpe & Stermac, 2003). Neste domínio relativamente aos esquemas que se mostraram significativos, o esquema de Abandono pode sugerir uma ligação instável ao nível afetivo e emocional, uma vez que há sempre presente o sentimento de substituição por alguém melhor. Sentem, em geral, que nunca poderão obter suporte emocional dos que lhes são mais próximos, por serem instáveis, impacientes e de mau génio. Há sempre uma sensação de abandono quando precisarem de apoio (Pereira, 2013; Rijo, 2009). O que poderá levar conseqüentemente ao esquema seguinte, Desconfiança, onde há a crença de que será abandonado. Pressupõe-se alguma ligação entre os dois esquemas, pois o medo do abandono leva a um conseqüente sentimento de

desconfiança. Neste esquema há a convicção de que podem vir a ser magoados, humilhados, enganados, traídos e há presente um sentimento de perda. Há igualmente a crença de que todo o mal é intencionalmente perpetrado (Pereira, 2013; Rijo, 2009). Parece assim pertinente a relação entre estes esquemas e o ajustamento emocional desta tipologia de agressores tanto pelo passado experiencial de abuso físico ou emocional, anteriormente falado, como igualmente pela capacidade de se adaptarem ao meio prisional. Isto é, a prisão, por si só é um ambiente stressante em que há habitualmente um sentimento de insegurança e consequentemente de desconfiança. Se estes reclusos são por norma vítimas de abusos por partes dos restantes, então é compreensível que durante o tempo de reclusão, quanto mais esquemas de abandono e sobretudo de desconfiança existirem, menor será a sua adaptação ao sistema prisional. Por outro lado, e uma vez que os abusadores sexuais de menores são geralmente alvo de violência por parte dos outros reclusos, é plausível que este contexto de vulnerabilidade prisional possa confirmar os seus esquemas, contribuindo para a sua manutenção e cristalização.

No caso do domínio Autonomia e Desempenho Deteriorados, verificou-se igualmente um modelo significativo, destacando-se o esquema de Indesejabilidade Social. De uma forma simples, este domínio caracteriza indivíduos que na sua infância vivenciaram dificuldades ao nível da sua independência e autonomia. Nalguns casos poderia estar presente a sobreproteção, noutros a negligência. Assim, está presente ao longo da infância uma família destruidora da confiança, que não reforça os comportamentos de competência demonstrados pelo indivíduo (Rijo, 2009). Caracterizam-se por isso, como indivíduos que têm dificuldade em sobressair em algo positivo que façam com sucesso e em tomar as escolhas mais acertadas. Relativamente ao esquema de Indesejabilidade Social acrescenta-se ainda que, o indivíduo não consegue relacionar-se com os seus pares (Pereira, 2013; Rijo, 2009). Neste sentido, uma vez que, há presente a destruição de confiança e negligência durante a infância, isto poderá levar a algum tipo de *deficit* de interação social, na medida em que não é reforçada a confiança. Estes *deficits* de interação incluem por vezes a interação com o sexo oposto e neste sentido, facilmente resultam em fantasias sexuais desviantes que, por consequência, poderão despoletar comportamentos sexuais igualmente desviantes, tal como o abuso sexual de menores (Hudson & Ward, 1997). Outra hipótese será um elevado isolamento social e até um receio de intimidade próxima com alguém, mesmo não sendo do sexo oposto, porque a crença de não se sair bem-sucedido estará sempre presente (Shechory & Ben-David, 2005). Não obstante há o sentimento de insucesso e de fracasso em todas as áreas pessoais, crença de que

se é ignorante e o pior de todos. Este domínio parece caracterizar de forma assertiva os agressores sexuais de menores, isto porque, Shechory e Ben-David (2005) defendem que estes indivíduos são comumente caracterizados por distúrbios emocionais, baixos níveis de auto-estima, falta de auto-confiança, falta de maturidade emocional e altos níveis de pressão emocional e ansiedade (Shechory & Ben-David, 2005). Desta forma, quando este esquema em particular se encontra presente e de forma elevada, podemos concluir que haverá dificuldade nos abusadores sexuais de menores em relacionarem-se com outros reclusos, não só pela influência dos esquemas anteriores, mas igualmente pela dificuldade de interação social. Isto aplicar-se-á a guardas prisionais e até a uma redução de visitas por parte de possíveis familiares ou amigos, comprometendo o contato com o exterior.

Dentro do domínio Limites Deteriorados os dois esquemas de Grandiosidade e de Auto-controlo foram estatisticamente significativos, ainda que o modelo apenas consiga explicar 19% da variância, o que nos leva a analisar os dados com alguma precaução. O domínio é caracterizado por deficiente controlo e limites internos, dificuldades em respeitar os outros, de estabelecer objetivos realistas e a longo-prazo. Não há qualquer tipo de regras, de limites e não há tolerância ao desconforto e à impossibilidade em obter aquilo que pretende. Em geral a família, durante a infância, poderá ter sido demasiado permissiva e pouco orientativa. No caso do esquema de Grandiosidade está presente uma superioridade que não é abrangida pelas regras e tão pouco pelo respeito pelo outro. Não tolera não ter aquilo que pretende e há presente um foco exagerado na superioridade para atingir o controlo. Há uma necessidade exacerbada de impor a sua presença e o seu ponto de vista, levando a falta de empatia pelo outro (Pereira, 2013; Rijo, 2009). No entanto, uma vez que esta relação foi negativa, é possível concluir que existam muito poucos esquemas de Grandiosidade nestes reclusos, o que influencia de forma bastante negativa, o ajustamento emocional à prisão. Isto porque, não havendo sentimentos de que se é superior, facilmente se é mais vulnerável ao que lhe dizem e fazem. Referente ao esquema de Auto-controlo, podemos observar indivíduos incapazes de resistir à frustração e com dificuldades em controlar e regular a expressão das suas emoções e impulsos (Pereira, 2013; Rijo, 2009). No caso do meio prisional, este esquema não será um facilitador de adaptação, já que poderá estar na origem da dificuldade em gerir estados emocionais negativos ou ainda no respeito às regras e rotinas impostas.

Relativamente ao domínio Influência dos Outros há um foco excessivo nos desejos dos outros, procura da aprovação e tentativa evitar retaliações. A família poderá ter tido um estilo

dominante, suprimindo as necessidades da criança (Pereira, 2013; Rijo, 2009). Poderá ser explicativo de uma necessidade de manter uma ligação emocional com aqueles que lhe são mais próximos, contudo, dada a sua dificuldade de manutenção e das suas relutâncias poderá haver uma exacerbação dos desejos e necessidades do outro para não perder a pouca estabilidade emocional que poderá ter. Equaciona-se a hipótese de a maturidade emocional não ser a mais adequada, dado ao estilo de família na infância e de não haver uma manutenção da gestão emocional de forma equilibrada. Outra hipótese será, no meio prisional, como estratégia de *coping* satisfazer as necessidades dos outros reclusos que estão mais próximos de si fisicamente, evitando assim retaliações. No caso do outro esquema significativo Auto-sacrifício é comumente presente uma sensibilidade exagerada ao sofrimento dos outros, para tal, procura minimizar aquilo que sente e os sentimentos de culpa que poderão advir (Pereira, 2013; Rijo, 2009). Procura encontrar justificações dentro das quais: - “O mundo dos adultos é um mundo perigoso e apenas o das crianças é bom e seguro”, daí a necessidade que têm em estar com elas; “Agredir sexualmente uma criança não a magoa, bem pelo contrário, até lhes trás benefícios”. Estes tipos de justificações surgem para facilitar a decisão de cometer a agressão sexual contra a criança, aliviando assim a sua culpa e conferindo normatividade neste comportamento. Assim há a possibilidade de aumentar a sua auto-estima, por ter feito algo que considera de bom (Mann & Beech, 2003 cit in Kamphuis, Ruiter, Janssen & Spiering, 2005).

Por fim, no domínio Sobrevigilância e Inibição há uma ênfase em não exprimir aquilo que sente de forma espontânea, com o fim de evitar erros ou críticas. A família de origem poderá ter sido punitiva, com muitas obrigações e com pouca margem para o erro. Há sempre presente um estado de alerta constante, pessimismo e preocupação (Pereira, 2013; Rijo, 2009). Na perspetiva do meio prisional parece fazer sentido a ativação deste tipo de domínio, uma vez que, há necessidade de se protegerem de outros reclusos e de manterem uma postura discreta para não existirem motivos para serem o foco da atenção. O esquema que se mostrou significativo Auto-punição tem como crença que as pessoas devem ser punidas pelos erros que cometem (Pereira, 2013; Rijo, 2009). Pode estar adjacente alguma dificuldade em desculpabilizar os seus próprios erros, daí a preocupação em justificar as atitudes que toma, como no domínio anterior. Talvez como estratégia de *coping*, há uma tentativa de não criar empatia com sentimentos. Neste sentido ficará difícil a sua adaptação, dado que estes esquemas poderão comprometer qualquer tentativa de aproximação cordial por parte de reclusos e até de guardas prisionais.

### **Considerações Finais**

É assim evidente que o papel dos EPM's se encontra presente nesta amostra e, apesar de alguns dos domínios e esquemas não terem sido os mesmos nos estudos referidos, mostrou-se a presença e a influência dos esquemas na adaptação emocional à prisão. No caso concreto destes agressores, poderá comprometer toda uma adaptação por via da desconfiança de represálias de outros agressores, dado o seu tipo de crime. Poderão surgir dificuldades de comunicação com os guardas prisionais, dada a desconfiança, o que não abonará a favor destes indivíduos. É igualmente importante salientar que, há uma consciencialização do crime que cometem e por isso, existe a necessidade de criar ilusões ou desculpas com o objetivo de não se sentirem culpabilizados pelos danos causados. Como tal, haverá um distanciamento emocional para evitarem a empatia. De ressaltar ainda o papel que as experiências passadas, ou seja, a vivência afetiva em família, poderão ter no perpetrar destes crimes. Uma vez mais, algo que a TFE defende como fulcral na reabilitação destes indivíduos, começando o tratamento através desses episódios traumáticos para se evitarem as recidivas no futuro. Este tipo de esquemas, para além de não auxiliarem na adaptação ao meio prisional, poderão ainda influenciar o indivíduo a agir com estado de alerta sempre elevado o que, com o passar do tempo, poderá resultar em níveis de psicopatologia superiores.

Assim sendo, ressalva-se a importância de analisarmos estes dados de forma cautelosa, dado o reduzido número de estudos ainda existentes na área. De salientar ainda que o número da amostra é relativamente pequeno. Também o fator da desejabilidade social, não controlado neste estudo, poderá influenciar o tipo de respostas dadas pelos participantes. É igualmente necessário considerar a escolaridade baixa dos participantes, que poderá ter dificultado a compreensão dos itens e a resposta aos mesmos. Adicionalmente, o protocolo aplicado, para este contexto, poderá ter sido demasiado extenso o que poderá ter provocado algum cansaço nos participantes e, eventualmente, ter condicionado algumas das suas respostas. Contudo terá certamente o objetivo principal cumprido, a reflexão sobre outras medidas que poderão ser utilizadas para uma terapêutica mais ampla.

Como ressalva final para futuros estudos, haverá necessidade de se replicar o presente estudo considerando-se o controlo e/ou inclusão de outras variáveis tais como as características do próprio ambiente prisional (e.g., sobrelotação das celas, leque de atividades disponíveis para os reclusos, qualidade da interação com os guardas prisionais e pessoal técnico) uma vez que o ambiente físico influencia a forma como os reclusos se podem sentir física e

emocionalmente. Por fim, mas talvez o mais importante, seria considerar o suporte social (viz., família e amigos) durante o tempo de reclusão que, como foi referido na literatura, é absolutamente fundamental para a adaptação do recluso, contribuindo ainda para um melhor ajustamento e contato com o mundo exterior. A qualidade deste tipo de suporte poderá, juntamente com os esquemas, intervir no ajustamento destes agressores. Salienta-se ainda que as estruturas esquemas disfuncionais surgem durante a infância e, como anteriormente referido, o papel da família é fundamental para esta criação. Posto isto, seria interessante compreender como funciona o suporte social nestes reclusos, dada a possibilidade da falta de expressividade emocional durante as relações vinculares durante a infância.

Concluindo, os dados deste estudo sugerem que a estrutura esquemática dos agressores sexuais de menores está associada à forma como estes se ajustam emocionalmente ao contexto prisional. Posto isto, seria relevante considerarem-se os esquemas descritos no sentido da sua integração em programas de adaptação e gestão emocional implementados em contexto prisional já que poderão ajudar à diminuição da sintomatologia psicopatológica nestes indivíduos.

## Referências

- Afonso, L. (2012). *Adaptação à prisão: estudo das relações entre os processos de coping, “marcadores” de bem-estar e ajustamento psicológico* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Minho, Portugal.
- Antunes, D. (2012). *Agressores sexuais de menores e reclusão: estudo exploratório sobre personalidade, impulsividade e espontaneidade* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), Lisboa, Portugal.
- Carvalho, B. (2012). *A visão de si dos reclusos anti-sociais: esquemas mal-adaptativos precoces dos reclusos e a sensibilidade à mudança da paranoia* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Carvalho, J. (2011). *Factores de vulnerabilidade para a agressão sexual* (Dissertação de Doutoramento). Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Carvalho, J., & Nobre, P. J., (in press). Five-factor model of personality and sexual aggression. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*. DOI: 10.1177/0306624X13481941
- Gonçalves, R. A. (Ed). (2000). *Delinquência, Crime e Adaptação à Prisão*. Coleção Psicologia Clínica e Psiquiátrica. Quarteto Editora.
- Gonçalves, L. G. & Gonçalves, R. A. (2012). Agressividade, estilo de vida criminal e adaptação à prisão. *Psicologia USP*, São Paulo, 23(3), 559-584.
- Hudson, S., & Ward, T. (Eds). (1997). *Rape: Psychopathology and theory. Sexual deviance: Theory, assessment and treatment* (pp. 332-355). New York: Guildford.
- Kamphuis, H. J., Ruiter, D. C., Janssen, B., & Spiering, M. (2005). Preliminary evidence for an automatic link between sex and power among men who molest children. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(11), 1351-1365. DOI: 10.1177/0886260505278719
- Leirós, V. S., Carvalho, J., & Nobre, P. (2015). Preliminary findings on men’s sexual self-schema and sexual offending: differences between subtypes of offenders. *Journal of Sex Research*, 0(0), 1-10. DOI: 10.1080/00224499.2015.1012289

- Marshall, W. L., & Barbaree, H. E. (Eds). (1990). *An integrated theory of the etiology of sexual offending. Hand book of sexual assault: Issues, theories, and treatment of the offender*. New York: Plenum.
- Marshall, W. L., & Marshall, L. E. (2000). The origins of sexual offending. *Trauma, Violence and Abuse*, 1, 250-263. DOI: 10.1177/1524838000001003003
- Novais, F. A. G., Ferreira, J. A., & Santos, E. R. (2010). Transição e ajustamento de reclusos ao estabelecimento prisional. *Psychologia*, Vol. II, 209-242.
- Nunes, L. (Ed). (2010). *Crime e Comportamentos Criminosos*. Edições Universidade Fernando Pessoa. (pp. 193-197).
- O'Donohue, W., Regev, L., G., & Hagstrom, A. (2000). Problems with the DSM-IV diagnosis of pedophilia. *Sexual Abuse: A Journal of Research and treatment*, 12, 95-105. DOI: 10.1023/A:1009586023326
- Pereira, L. (2013). *Esquemas precoces-mal adaptativos precoces e depressão* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Porter, S., Fairweather, D., Drugge, J., Hervé, H., Birt, A., & Boer, D. P. (2000). Profiles of psychopathy in incarcerated sexual offenders. *Criminal Justice and Behavior*, 27, 216-233. DOI: 10.1177/0093854800027002005
- Rijo, D. (2009). *Esquemas mal-adaptativos precoces: validação do conceito e dos métodos de avaliação* (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Shechory, M., & Ben-David, S. (2005). Aggression and anxiety in rapist and child molesters. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 49(6), 652-661. DOI: 10.1177/0306624X05277943
- Simons, D., Wurtele, S. K., & Heil, P. (2002). Childhood victimization and lack of empathy as predictors of sexual offending against woman and children. *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 1291-1307. DOI: 10.1177/088626002237857
- Stirpe, T. S., & Stermac, L. E. (2003). An exploration of childhood victimization and family-of-origin characteristics of sexual offenders against children. *International Journal of*

*Offender Therapy and Comparative Criminology*, 47(5), 542-555. DOI: 10.1177/0306624X03253316

Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (Eds). (2003). *Schema Therapy: A Practitioner's Guide*. New York: The Guildford Press.

## **Anexos**

## Anexo A (Esquemas Precoces Mal Adaptativos)

---

### Domínio Distanciamento e Rejeição

---

#### 1. Abandono

Há presente a crença de que vai ser abandonado/substituído por aqueles que lhe são mais próximos. Sensação de que o suporte emocional não irá estar presente e, por consequência, há uma desconfiança.

#### 2. Desconfiança

Pensamento de que os outros o vão humilhar, enganar, magoar e manipular. Convicção de que o mal é sempre intencional.

#### 3. Privação Emocional

Sensação de que as suas necessidades emocionais não serão asseguradas da melhor forma, bem como os seus desejos. Existem assim três formas de privação emocional: Privação de apoio e cuidados (ausência de atenção e afeto), privação de empatia (ausência de compreensão) e privação de proteção (ausência de orientação).

#### 4. Defeito

Está presente o sentimento de que é indesejado, inferior ou sem valor. Hipótese de hipersensibilidade há crítica, rejeição e à culpa. Sente insegurança e vergonha perto de outros relativamente aos seus defeitos. Os defeitos podem ser privados (egoísmo, desejos sexuais inaceitáveis) e públicos (aparência física não desejada).

#### 5. Isolamento Social

Sensação de que está afastado do mundo, não há identificação para com as outras pessoas e não há pertença em qualquer grupo.

---

### Domínio Autonomia e Desempenho Deteriorados

---

#### 6. Incompetência

Envolve um sentimento de que é incapaz de cumprir com obrigações e de ser responsável, mesmo no quotidiano, sem ajuda de terceiros.

#### 7. Vulnerabilidade

Está presente um medo descontrolado de que algo catastrófico lhe possa acontecer e que não pode fazer nada para evitar. Estes medos englobam: Médicos (doenças), emocionais (enlouquecer) e naturais ou fobias (elevadores).

#### 8. Emaranhamento

Está presente um envolvimento excessivo com uma ou mais pessoas que sejam significativas para si (em geral figuras parentais). Crença de que não podem viver uns sem os outros. Como consequência poderá alterar o sentido de identidade própria, há uma “fusão”.

#### 9. Indesejabilidade Social

Envolve um sentimento de fracasso ou de fracasso eminente. Sente-se inferior aos pares e incapaz em todas as áreas de realização. Engloba características de baixa auto-estima e incapacidade.

---

### Domínio Limites Deteriorados

---

#### 10. Grandiosidade

Convicção de que é superior (direitos e privilégios especiais), consequentemente, há dificuldade em respeitar normas, falta de empatia e comportamento dominante sobre os outros.

#### 11. Auto-Controlo

Dificuldade ou recusa em se controlar e intolerância à frustração. Suprime as necessidades do outro em função dos seus objetivos pessoais. Expressão excessiva dos seus impulsos e emoções. Evitação do desconforto (conflito, responsabilidade).

---

---

Domínio Influência dos Outros

---

12. Subjugação

Excessiva rendição ao controlo dos outros com o objetivo de evitar a raiva, retaliação ou até o abandono. Manifesta-se essencialmente: Subjugação das necessidades e subjugação das emoções.

13. Auto-sacrifício

Sensibilidade exacerbada ao sofrimento dos outros. Voluntaria-se para minimizar o sofrimento do outro, procurando assim gratificação pessoal (auto-estima aumentada) e até evitar sentimentos de culpa.

14. Admiração

Procura de aprovação e de obtenção de *status* social, para tal, há uma preocupação com a aparência e sucesso com o objetivo de receber reconhecimento dos outros.

---

Domínio Sobrevigilância e Inibição

---

15. Pessimismo

Medo exacerbado de cometer erros que conduzam a males irreparáveis, perdas ou humilhações. Supressão de aspetos positivos em detrimento dos negativos. Geralmente há sentimentos de preocupação e indecisão.

16. Inibição Emocional

Procura de inibição dos sentimentos e emoções espontâneas, com o objetivo de evitar a crítica e a perda de controlo sobre aquilo que sente.

17. Padrões Excessivos

Para evitar a desaprovação ou a humilhação, há uma crença de esforço para estar à altura de níveis elevados de desempenho. Intolerância à imperfeição. Demonstra-se através: Perfeccionismo, regras rígidas, preocupação com o tempo e eficiência.

18. Auto-Punição

Os indivíduos que cometem erros devem ser castigados, mesmo que seja o próprio a cometê-los. Intolerância à imperfeição e dificuldade em perdoar.

---

## **Anexo B (Descrição e exemplo de itens do Questionário de Esquemas de Young - YSQ - S3)**

São apresentadas afirmações com as quais os participantes se podem descrever, sendo que poderão escolher as que são mais adequadas, ou não, para o seu caso. O objetivo das questões é compreender o que participante em causa sente emocionalmente. Algumas afirmações estão relacionadas com pessoas do círculo próximo (i.e., pais ou companheiro/a) e outras com questões pessoais ao nível emocional. É utilizada uma escala psicométrica, neste caso, escala *Likert*, na qual são disponibilizados itens de um a seis. Sendo respetivamente: 1. Completamente falso; 2. Falso na maioria das vezes; 3. Ligeiramente mais verdadeiro do que falso; 4. Moderadamente verdadeiro; 5. Verdadeiro a maioria das vezes; 6. Descreve-me perfeitamente. O respetivo número é colocado no espaço em branco disponibilizado em cada afirmação. Cada item corresponderá, conseqüentemente, a um esquema de cada domínio, permitindo avaliar a presença de cada um no participante. Para melhor compreensão são disponibilizados itens de exemplo do YSQ:

- 1.\_\_\_\_ Não tenho tido ninguém que cuide de mim, que partilho comigo a sua vida ou que se preocupe realmente com tudo o que me acontece.
- 2.\_\_\_\_ Costumo apegar-me demasiado às pessoas que me são mais próximas porque tenho medo que elas me abandonem.
- 3.\_\_\_\_ Sinto que as pessoas se vão aproveitar de mim.

### **Anexo C (Breve descrição e exemplo de itens do Breve Inventário de Sintomas - BSI)**

O inventário é composto por uma lista de sintomas que por vezes as pessoas podem apresentar. Assim é pedido ao participante que numa escala psicométrica, de *Likert*, de um a cinco, escolha o grau do sintoma que o tem afetado durante a última semana. Sendo respetivamente: 1. Nunca; 2. Poucas vezes; 3. Algumas vezes; 4. Muitas vezes; 5. Muitíssimas vezes. O participante coloca uma cruz no número que acha mais adequado para aquilo que sente. O objetivo do questionário é assim, medir o grau de problema do sintoma que o participante poderá sentir. Para melhor compreensão são disponibilizados itens de exemplo do BSI:

1. Nervosismo ou tensão interior

|   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---|---|---|---|---|

2. Desmaios ou tonturas

3. Ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos